

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Director:

VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

NE SUTOR... Coisas e loisas

E' velho e sabido que, no decorrer das longas horas da existência, por mais esforços que façamos, para encobrir qualquer defeito da nossa constituição moral ou física, lá vem uma ocasião, um pequeno descuido, que nos leva a patentear ao público o defeito que, com tanto empenho, procuramos sempre disfarçar.

Ainda aqueles que armados com os mais aturados estudos, com a prática que têm adquirido na convivência de bons mestres, seguem canceirosa e conscientemente os conselhos e exemplos deles recebidos, êsses mesmo, ainda às vezes caem em êrros, que, logo percebidos, procuram com afan desfazer, ou de algum modo remediar.

Porém os que, sem serem especializados, apenas têm a chamada *sciência dos livreiros*, que conhecem os autores somente pelas lombadas dos livros que vendem, êsses, ignorantes, que se arrojam a versar todos os assuntos, em que pretendem mostrar-se profundos conhecedores, de tudo falam, tendo uma caterva de termos técnicos que com paciência e aturada teimosia encaixaram na mioleira, termos que quasi sempre à *la diable* empregam, procurando fazer figura perante os inscientes e os pobres pacóvios que, sob as suas ordens, têm a infelicidade de trabalhar, êsses lançam-se à prática de coisas inéditas, destrambelhadas mesmo, só próprias da crassa ignorância que possuem, inconscientes dos êrros que cometem.

E como a ignorância é sempre atrevida, vá de crear um estilo só seu, onde as regras e os verdadeiros estilos sofram tratos de polé e saiam perfeitas aberrações.

E não se diga a êstes sábios: *«Emenda a mão, oh! coisa!»*, Arde Troia, se alguém tem o arrojo de notar defeitos nas imbecilidades creadas nos bestuntos dêsses pseudo-sábios!

Enchem-se da vacuidade do seu nada e ninguém os atura.

Assim, naquilo que produzem, ver-se-há um amalgaма inconcebível, uma tal baralhada de coisas, que mais parecem uma *feira da ladra*, do que um estilo, em que a Arte predomine.

Não. Aqueles que têm a infelicidade de não se conhecerem, não devem abalancar-se a altas cavalarias, devem, sim, cingir-se ao pouco para que a sorte os fadou.

Quem te ensinou sapateiro a tocar rabeção?

A.

Coisas e loisas

Suprima-se o registo civil, ou, pelo menos, que êle fique para depois do registo religioso, clamam os corifeus do clericalismo.

E sabem os leitores qual o argumento em que agora se baseiam os coitadinhos dos vassallos do papa-rei para o bom resultado da sua campanha? Ora vejam:

A vida está cara, o registo civil é caríssimo, daqui se concluindo que nem todos têm com que pagar o registo religioso, indispensável à boa vida, neste e no outro mundo, das almas.

São ou não são uns alhos? Há dinheiro para o acto religioso, que para o resto... tanto monta. Porque é que estas reverendíssimas não resolvem — elas, que tanto se interessam pela salvação das almas — fazer as coisas de graça, o registo religioso de graça?

Porque será que a Igreja anda concede sem a adeantada propina? A Igreja não dá nada; a Igreja vende tudo, desde as bulas aos espinhos da corôa do Cristo, desde os rosários até às missas. Não dá nada. E tão sovina é, que nem foi ela que deu a lenha para as fogueiras da inquisição.

A vida está cara, o registo é caríssimo e o dinheiro faz-se esquivo na bolsa do crente. E no entanto, como pobres em romaria, as seráficas creaturas, tão seráficas e tão desinteressadas, esfalfam-se a pedir... um automóvel... p'r'o bispo. A vida está cara, o dinheiro faz-se pouco; mas o chefe e os príncipes da pobre cristandade arrastam sêdas e arminhos, ostentam pedras preciosas e votam automóvel. Humildade, modéstia, pobreza, tudo o que Cristo pregou e aconselhou são vãs palavras, macabros despojos do louco idealismo dêsse visionário, que morreu... por não saber viver.

São de topete. Não há dinheiro para um corriqueiro registo religioso, mas há-de havê-lo para um *oito cilindros* com que se quer deleitar os pés e os rins de um bispo.

Nem coerência, nem vergonha!

*

«A Morte da Vida» é o titulo de um livro que a Snr.^a D. Carmem Marques há tempos publicou, com o fim único de pôr em fóco as mazelas da educação conventual, que tende a fazer de cada individuo um farrapo sem vontade própria, um sêr passivo, obediente, à pernicioso acção do ultramontanismo.

A autora, que durante dois anos recebeu uma educação conventual ao falar-nos da sua obra, diz o seguinte:

«Chegada a altura em que cuidei ter enfim uma perfeita liberdade de consciencia e em que pude avaliar quanto de pernicioso havia para o individuo e para a sociedade na educação feita pelas congregações, entendi que era dever meu escrever esse livro,

(Conclue na 2.ª página).

Instrução e Educação

A salvação nacional pela acção escolar

XII

Nunca é demais repeti-lo: a acção escolar sobre a cooperação dos trabalhadores deve ser intensa e extensa.

No primeiro quartel do século XIX, Say agitou o mundo económico e a sciência económica clássica foi construída no seu «Tratado de economia política» e «Catecismo de economia política».

Porém, só os seus sucessores proclamaram as vantagens do cooperativismo, porquanto aquêl mestre, dedicando vários capítulos da sua obra ao «salário» ao «trabalho» e a muitos problemas correlacionados com o cooperativismo, não fazia alusões a elas.

A apologia do cooperativismo feita por grandes mestres da especialidade foi engrossando as raizes do regime nos próprios Estados em que inicialmente ia sossobrando, pelo convencimento de que era um excelente meio de educação, de administração e de organização do operariado.

Assentemos, porém, em que as cooperativas não terão viabilidade alguma sem uma larga instrução popular.

E esta somente se conseguirá, quando a organização e instalação do ensino e da escola sejam o que devem ser; quando a inspecção seja o que os bons professores reclamam há mais de um quarto de século; quando o professor primário fôr assistido pelo Estado e pelos seus cidadãos, preparado pelas escolas normais em equação com a grandeza e nobreza da sua função social e com as tendências de um povo que prese e admire a civilização sempre crescente.

Não nos fatigamos de o dizer: o ensino em Portugal enferma ainda muito da tradição livresca; é muito abstracto e incapaz de retenção por parte dos alunos.

E professor que no presente se abalance a romper com a tradição ainda tão arreigada é professor inutilizado no tablado dos exames, em que uma maioria esmagadora de jurís só abstracções propõe aos examinandos.

Por outro lado a nossa literatura infantil tem deixado muito a desejar.

Um bom livro — sobretudo o de leitura diária — versando assuntos práticos, como noções claras da vida, da agricultura — primordial industria nacional — de economia doméstica e social, das indústrias e da moral; o professor regendo gráficamente no quadro preto tôdas as disciplinas, em ordem a despertar a actividade de todos os sentidos dos discipulos; dialogando com êle e expondo documentadamente, e provocando-lhe o espirito em objecções realizariam a instrução educativa consentânea com as necessidades do nosso povo e dos tempos que vão decorrendo.

E se êste método de ensino é bom na escola primária, na escola normal seria optimo: aqui o aluno mestre deve tomar nos seus cadernos de todo o ensino que lhe

IDEAL! IDEAL!

(Ao Dr. Eduardo de Almeida)

A chama invulnerável e incorpórea
Que faz dinamizar o pensamento,
Não é, não — ô tiranos! — a vã glória
De Ideal que se perde a um sópro lento.

E' um fulgôr, de que não há memória,
A alvejar todo o espirito sedento
D'Amor e Liberdade — o sol da História
Sopeando à Humanidade o sofrimento!

Já quando o Homem, na espiral imenea
Do seu maravilhoso evoluir,
Sentia o pêso duma grave ofensa,

Fizera a sua cólera explodir.
E a labareda dessa chama intensa
Lambia a Treva e mostrava o Porvir.

1929.

L. COELHO.

António Maria da Silva

Acaba de sofrer rude golpe, êste categorizado membro do Directório do Partido Republicano Português, que acidentalmente se encontra no Funchal.

Quando sua estremecida esposa se lhe foi juntar para participar das Festas da Família, esta, a um ataque repentino, faleceu, abrasando de dôr o coração alanceado dêste nosso prestimoso correligionário e prestante cidadão.

Comovidíssimos, associamo-nos e acompanhamos S. Ex.^a no transe doloroso que acaba de sofrer.

«A Velha Guarda» apresenta ao grande democrata os seus sentidos pesames.
A Comissão Municipal do Partido Republicano Português, ao ter conhecimento de tal notícia, endereçou ao Sr. António Maria da Silva, o telegrama do teor seguinte: «António Maria da Silva — Funchal. Comissão Política Partido Republicano Português, Guimarães, exprimindo sentir todos correligionários desta cidade, acompanha Vossa Excelência transe doloroso acaba sofrer. Pela Comissão (a) Bernardino Jordão».

foi ministrado, como ensaio de fixação; e o professor, sem especie alguma de dogmatismo, não exigirá que o discipulo declame, de cór a lição, antes por habeis interrogações verificará da justeza do seu trabalho ao assunto dela.

Estes despretenhosos artigos nem de longe pretendem tomar a indole de pedagogicos; mas a sua indole não dispensa sempre ligeiras referências à organização, caracter e ministração do ensino em Portugal, onde felizmente há professores que verdadeiramente o são.

Não devemos, pois ser acusados de nos desviarmos do fim que nos propuzemos.

22-12 929.

Prof. J. F. B.

(Continua).

Esmolas

A caridade... dêles

Fomos informados que de todos os padres residentes nesta cidade, a quem a Comissão Promotora da Ceia de S. Crispim, se dirigiu, um só houve que compreendeu o alcance do Natal aos Pobresinhos — contribuindo com o seu óbulo.

O resto (que faz imposição da caridade e diz ter sido ela um dos bons predicados de Jesus), nem um ceitel para matar a fome aos infelizes, nem um trapo para os agasalhar do frio agreste destas noites de Dezembro!

Que ministros e que ricos discipulos de Cristo!

Podem ver o semelhante morrer à mingua de pão, podem vê-lo tiritar de frio, que nenhuma compaixão lhes merecem desde que não lhes possam dar ganho.

Que tristeza e que miséria! E havemos de os aceitar como bons?!

Caleiros

Continuamos a lembrar que no Código de Posturas há disposições para evitar que o pacífico transeunte se veja na necessidade de tomar banhos de chuva, em época fóra da estação thermal.

Porque se não aproveitamos os zeladores para, em dias de chuva, irem ver quais dos senhorios devem ser intimados a mandar concertar os seus caleiros?

Isto não é ensinar o padre-nosso ao vigário, mas sim um alvitre.

Tudo o que se faça em contrário, merece reparos, pois dá origem a favores e a falta... de conhecimento da intimação camarária.

Um bocadinho de zêlo, e tudo ficará remediado.

Rendimento da romaria de Santa Luzia

Sobre o rendimento da romaria das «passarinhas» toda a gente anda admirada com o silêncio que se fez pelo que respeita a esmolas caídas na taça da Santa, e, a meia voz, pergunta-se qual seria a aplicação dada aos cobres que os fiéis constrictos lá foram depositar!

Era de uso e costume, logo poucos dias após a realização da festa, vir a público um mapa de receita e despesa, para esclarecimento do público, dizendo da aplicação do saldo, que empregavam, no geral, em beneficência. Porém, este ano, nem pio.

Sociedade Martins Sarmento

Conferência pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Brito Camacho

Brevemente vem a Guimarães, realizar uma conferência no Salão Nobre da Sociedade Martins Sarmento, cujo tema será o «Alentejo», o ilustre homem público e notável escritor Ex.^{mo} Sr. Dr. Brito Camacho.

De esperar é, dada a categoria do ilustre conferencista, que a população vimaranense tenha interesse em o ouvir, pois o assunto promete ser sugestivo e valerá pelo encanto que nos possa proporcionar.

O Alentejo é uma região desconhecida para uma grande parte dos minhotos e tem costumes tão interessantes, e tão diferentes dos do Norte, que, a palavra fluente do autor dos «Quadros Alentejanos» há-de brilhar no seio vimaranense e há-de bem cantar as belezas dessa Terra por vezes charnequenha, mas candente e nimbada de Sol.

Réveillon

No dia 31 de Dezembro

Promovido por um grupo de associados dos Empregados do Comércio, no salão nobre da Associação Comercial, desta cidade, realiza-se no próximo dia 31 um réveillon, esperando-se que esta festa revista de grande entusiasmo e brilhantismo.

E' esperada a cooperação de inúmeras famílias das várias terras visinhas, o que decerto realçará em muito os esforços da comissão que tomou sobre si o encargo de levar a efeito tal festa.

Agradecemos a gentilêsa do convite.

Este número foi visado pela comissão de censura

Coisas e loisas

para que abrisse os olhos aos pais, as mulheres e aos educadores, e, sobretudo, para que acordassem os espiritos liberais adormecidos.

O Sr. Dr. Brito Camacho disse a propósito de «A Morte da Vida»:

«E' um grito de alérta que oxalá seja ouvido por os que de uma forma ou de outra tem o encargo da direcção espiritual da sociedade».

Se outro mérito não tivesse, o de aparecer na hora em que o clericalismo tudo mina, corrompe e abastarda, bastaria para recomendar a todos os democratas «A Morte da Vida».

Aí fica o réclame gratuito á obra da Snr.^a D. Carmem Marques, que muito agradavelmente fazemos, só pelo prazer de por esta forma contrariarmos a hostilidade com que a reacção recebeu o livro, a todos os títulos digno da atenção dos liberais.

*

Segundo lemos no nosso ilustre colega «O Século» o papagaio real mandou riscar do cabeçalho do seu estafado disco a palavra *independente*, com que até há pouco se pavoneava. Foi, talvez, a única coisa acertada que em sua vida fez o vassallo *Carvalho da Silva*.

Na verdade, nada mais paradoxal do que uma libré... independente.

Por isso cá estamos a fazer côro com os que reconhecem que o papagaio real está de parabens. Esta foi no cravo. X. X. X.

Noticiário

Tem estado gravemente enfêrmo o menino Antonio, filho estremeado do nosso particular amigo e presado assinante, sr. Gaspar Gonçalves Coelho, considerado viajante da respeitável firma Bento dos Santos Costa & C.^a, desta cidade.

— A passar o Natal com suas Ex.^{mas} famílias, encontram-se entre nós os nossos particulares amigos, Drs. Emídio Guerreiro e Artur Couto, e os Srs. Amadeu José de Carvalho e João de Oliveira Matos.

— Regressou do Porto, de visita a seu sógro o Sr. Belchior de Figueirêdo, acompanhado de sua Ex.^{ma} Esposa e filhinhos, o Sr. Heitor da Silva Campos, digno Agente do Banco de Portugal.

— No passado dia 25, completou 41 anos o nosso estimado colaborador e ilustre professor do Liceu Sá de Miranda, o Sr. Dr. David d'Oliveira.

Linha Telefónica directa para o Porto

Por officio recebido do sr. Julião Carneiro da Silva, chefe da Estação Telégrafo-Postal, foi inaugurada no passado dia 27, a linha telefónica directa para o Porto, melhoramento que em muito beneficia a cidade, o que com júbilo registamos. De futuro poderemos comunicar com a cidade do Porto em poucos minutos, o que até agora levava 3 ou 4 horas.

Ao sr. Chefe da Estação Telégrafo-Postal os nossos agradecimentos pela comunicação.

D. Mercêdes Felgueiras

Na semana passada, partiu para Paris, a juntar-se ao seu Ex.^{mo} Esposo, Sr. Doutor Mariano da Rocha Felgueiras, nosso estremeado Presidente da Comissão Municipal do P. R. P., a Ex.^{ma} Sr.^a D. Mercêdes Felgueiras, que foi acompanhada de sua gentil filha.

Que tivesse tido boa viagem e que encontrasse todos os seus de feliz saúde, são os nossos votos mais ardentes.

Delfim Guimarães

Tivemos o prazer de abraçar este nosso particular amigo e presado colaborador e correligionário, que a esta cidade veio passar as festas do Natal, acompanhado de sua Ex.^{ma} família.

José Maria Gomes Alves

Continua no mesmo estado de doença, sem que alguns alívios tenha experimentado, o nosso dedicado correligionário e presado amigo, sr. José Maria Gomes Alves, muito digno Chefe da Secretaria da Câmara Municipal desta cidade.

E' para lamentar o estado deste nosso Amigo, sabido como é que reúne excelentes qualidades de carácter e saber no desempenho das suas funções, pois sabemos que a doença lhe traz muito sofrimento, muito embora a não julgemos de consequências funestas.

A «Velha Guarda» faz votos ardentes pelo seu rápido restabelecimento e deseja que S. Ex.^a possa regressar muito brevemente a ocupar o cargo que exerce, pois informam-nos que, por caturrice de quem nunca deveria ocupar elevados cargos, tem sofrido picardias e desconsiderações de toda a casta.

e redondo; daquêl rosto sempre empoeirado de farinha, que, na vila, era o apetite de todos os rapazes novos bestificados pelo sensualismo ou guloseima dos velhotes com os pés já para a cova, quando ela ia levar as fornadas aos freguêses de seu pai, burrito á frente, toc, toc...

Queixada, ficou surpreso e durante aquela tarde não reparou em mais ninguém.

Principiou de fazer roda à moleirita, tal qual pombo em arrullo, a boca entreaberta de basbaque, o olhar fixo e a vontade de lhe falar presa ao pensamento, as palavras debaixo da lingua. Quasi a comia com os olhos, louco de todo, a boca contraindo-se constantemente em sorrisos, a respiração profunda e compassada, os pés pisando incertamente o terreno.

De quando em vez, aferrava-se-lhe ao espirito uma duradoura

Jerónimo Ferreira Botelho

Acompanhado de seus interessantes filhinhos, partiu para Vilas Boas (Vidago), a gosar as férias do Natal, o nosso estimado colaborador e dedicado correligionário Sr. Jerónimo Ferreira Botelho, digno professor das Escolas Primárias, desta cidade.

Arrematação

(2.^a publicação)

No dia 12 do próximo mês de Janeiro, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na rua Gravador Molarinho, desta cidade, e nos autos da carta precatória para nomeação de louvados, avaliação e arrematação de bens, vinda da comarca de Lourenço Marques, extraída dos autos de execução em que é exeqüente Joaquim Ferreira da Cunha e executado José da Silva Mendes Guimarães, vão ser postos em praça e vendidos em hasta pública, pelo maior lanço oferecido acima da sua avaliação, as seguintes partes de prédios.

A duodécima parte de uma propriedade denominada Bôa Vista, sita na freguesia de S. Claudio do Barco desta comarca, com parte de uma morada de casas construída de pedra e cal, telhada e sobradada, com cosinha, salas, quartos e loja e terreno de cultura com árvores de vinho, de fructas diversas e com ramadas tendo ao norte uma casa térrea e telhada para caseiros e com um pço com bomba de ferro e tanque de pedra, separado e tendo contíguo, ao poente, um terreno aberto em triângulo, atravessado por dois caminhos carrais e ainda composta de um caminho, denominado de Baixo, com uma oliveira e uma cerdeira e terreno de mato com eu-

preocupação, tão insistente e intensiva, que julgar-se-ia a fuga de mil pensamentos em noite de trevas, só, isolado no labirinto duma floresta.

Tinha ganas de não sei de quê, entretanto que um mêdo enorme o tolhia, varejando-lhe as pernas como se elas fôsem hastes de débeis arbustos sob o terrível sopro duma nortada.

Dava a impressão dum cão de caça marrado á presa, contundido pelas picadelas de grosso mato e aturdido pelas vaias... da voz do coração!...

Por sua vez, ela, a Joanita, deitou lúzio furtivo e brincalhão, e o gostar do moço foi obra dum momento.

As suas faces que pareciam escaioladas de farinha, começaram de cobrir-se dum tom róseo desmaiado, e os seus olhos já não garnachavam como de comêço.

Recebêra tamanha impressão e tão grande susto se lhe assolapa-

caliptos e pinheiros, tudo junto e contíguo. Avaliada na quantia de 3:375\$00.

O direito e acção á duodécima parte de uma leira de mato no monte de Argaço, que também é conhecido por monte de Baixo, com eucaliptos, sita nos limites d'aquêl lugar da Bôa Vista. Avaliada na quantia de 58\$34.

O direito e acção á duodécima parte que o executado tem no seguinte prédio: A chã de Barreiros, terreno de mato sito com a sua denominação, na freguesia de Santa Leocádia de Briteiros. Avaliada na quantia de 175\$00.

Os referidos prédios acham-se descritos na conservatória desta comarca sob os n.^{os} 32.626, do L.^o B — 91 e 19.114 do L.^o B — 50.

Pelo presente são citados quaisquer credôres incertos do executado.

Guimarães, 5 de Dezembro de 1929.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

R. A. Cunha.

O escrivão do 1.^o officio,

Agostinho da Costa Oliveira Bastos.

INTERESSA A TODOS OS PORTUGUESES

ADQUIRIR E LER

Portugal e os Geógrafos Estrangeiros

PELO

DR. JOSÉ BARATA

Professor do Liceu de Aveiro

Conferência pronunciada em Viseu no dia 1 de Junho

Com Algumas Palavras do Ex.^{mo} Sr. Coronel Numa Pompílio, Governador Civil de Viseu, e a Allocução proferida pelo Ex.^{mo} Sr. Reitor do Liceu de Alves Martins.

PREÇO 3\$00

Pedidos á

Gráfica Aveipense

Rua de José Estêvão — AVEIRO.

ra adentro do seu peito, que não mais quiz cantar ao desafio, re-coesa de que a clareza suavíssima da sua voz levasse sumiço no gasnete e também de que o pensamento lhe não descobrisse a rima para a sua arte de fazer quadras.

Dentro da chinellinha de verniz o seu pésito começou de sentir-se apertado e tornou-se irrequieto, bamboleando-se nos dêsos, o meio calcanhar de fora e levantado. As suas mãos da côr de brancos lírios iam apanhando a ponta do avental de chita com ramagens estampadas, e os seus dêsos procuravam os pospontos mal tirados, beliscadores e nervosos.

As companheiras desafiavam-na já para uma nova dança de roda, mas ela esquivava-se, alegando o pretexto das dôres de cabeça, tão vulgar em mulheres comprometidas.

(Continua).

Os meus contos

Por L. COELHO.

Apurou o ouvido, ergueu a cabeça um pouco inclinada e ficou-se para ali, verdadeiramente atônito e bêbado, como diante dum quadro de Corot.

Finda a cantiga, e já quando todos se aproximavam do leiloeiro que cascalhava o «dou-lhe duas...», ou se acercavam da pipa encimada no carro de bois, êle ainda se conservou na mesma atitude durante momentos, só dando fé da sua figura grotêscas e picara ao sentir sumir-se-lhe nos tímpanos as últimas modalidades daquela voz que enternecia de notas frêscas, repassadas de sentimentalidade.

Pareceu-lhe subir do estômago á gorja um arrepio cocoguento

que ô fez babar sem querer; e dir-se-ia que o coração principiava aos pulos, aos socolões, como se lhe quizesse arrebentar com o seu peito de pedra mestra.

Olhou envergonhado para os circunstantes, e, sem mais aquela, os seus olhos fascinaram-se perante a beleza da Joana do moleiro.

Baixa, bem fornida de carnes e de olhos gaiatos, as pomas dos seus seios pareciam querer furar-lhe a blusa de merino e a comisura dos seus lábios dava a impressão duma cereja aberta, formosa que era de boca. Os seus cabelos da côr do azeviche, fartos e ondeados, contrastavam com a brancura do seu rosto pequenino